

“O Brasil também precisa de um pacto científico”

Crítico contumaz do programa nuclear brasileiro, o físico Ênio Cannndotti, vice-presidente da Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência — SBPC — ficou indignado com o noticiário dos últimos dias. As manchetes anunciando que o Brasil já domina a tecnologia de reprocessamento de urânio o deixaram revoltado. “Trata-se de um blefe”, reagiu o professor do Instituto de Física da Universidade do Rio de Janeiro. Segundo ele, reprocessar pequenas quantidades de urânio é uma experiência banal. O complicado é a mesma operação em grande escala. Por isso, Cannndotti continua acreditando o Brasil ainda está longe de poder fabricar a sua própria bomba atômica.

Mas não é isso que o tem preocupado ultimamente. Na minúscula sala, de pouco menos de nove metros quadrados, onde está sediada a SBPC, no campus da UFRJ, na Urca, ele se vem ocupando em estruturar as bases de um pacto científico no país. Um pacto muito parecido com aquele que os trabalhadores e governo está tentando negociar. Foi na pequena sala da SBPC que Cannndotti, um italiano naturalizado brasileiro, de 46 anos, recebeu o subeditor de economia do JORNAL DO BRASIL, Arnaldo César, para conversar sobre o pacto científico, a bomba atômica e os prováveis ganhos que o país terá com a sua política de reserva de mercado na informática.

